

# Em encontro na USP, gêmeos falam de ciência e afinidades

**A**ssim que se encontram, começam a conversar como velhos conhecidos. “Vamos marcar uma festa para reunir todo mundo!”, diz o médico Alexandre Ghelman às jovens Isabela e Ludmila Troian, com quem faz contato pela primeira vez.

FOTOS: PAULO CESAR DA SILVA

**Durante o evento, promovido em conjunto com o Sindicato dos Gêmeos, foi lançada rede de pesquisas na área**

Ele precisou apenas de um olhar para essa rápida identificação de afinidade, pois, afinal, o que os aproxima está na cara, ou melhor, nas caras, pois eles estão participando, em pares, do 1º Encontro de Gêmeos na USP e 2º Encontro do Sindicato dos Gêmeos.

Alexandre e seu irmão, Ricardo Ghelman, são fundadores da entidade, em conjunto com os cartunistas Paulo e Chico Caruso. Mas, para que um Sindicato dos Gêmeos? “Eu tinha o sonho de inventar alguma coisa para reunir gêmeos há muito tempo, e o Paulo deu a ideia de criação de uma associação, onde pudéssemos discutir assuntos comuns a todos nós”, explica Alexandre.

A proposta de apresentar a entidade como sindicato, segundo ele, veio dos Caruso, como forma de chamar a atenção pelo humor. “Mas é um espaço para a troca de informações. Nosso intuito agora é produzir um cadastro e um banco de dados sobre gêmeos, e esperamos encontrar apoio para isso”, complementa o médico.

**Impulso** – Na USP, o intuito de reunir os gêmeos foi associado ao interesse científico pelas questões comportamentais específicas das pessoas nascidas de gestações múltiplas. A realização do evento na sexta-feira passada, 11, não foi por acaso. “Trata-se de uma data gêmea”, diz Alexandre. O evento teve como principal motivação o lançamento da Rede de Pesquisa do Comportamento de Gêmeos, sob coordenação dos professores Emma Otta, Maria Lívia Moretto e Daniel Kupperman, do Instituto de Psicologia (IP) da USP.

Segundo Emma, os estudos sobre psicologia e comportamento de gêmeos no Brasil são raros e insuficien-



Alexandre (e Ricardo): “Sindicato é espaço para troca de informações”



Ludmila (e Isabela): “Gêmeos gostam de se conhecer”



Celma (e Célia): “Detesto ganhar um presente único para as duas”



Emma – Ter estrutura para acolher necessidades específicas dos gêmeos

tes, embora haja uma demanda importante nesse sentido, principalmente por parte de pais de gêmeos. “A taxa de nascimentos gemelares aumentou muito nas últimas décadas, por causa principalmente da procura cada vez maior pelos métodos de reprodução assistida pelas mulheres”, justifica a pesquisadora. “Precisamos ter estrutura para acolher as necessidades específicas dessas pessoas”, acrescenta.

Emma informa que o estudo de gêmeos é um dos projetos do Centro de Pesquisa Aplicada em Bem-Estar e Comportamento Humano Fapesp-Natura, coordenado por ela, e que essa rede vai ajudar a impulsionar a realização das pesquisas nacionais. “Temos hoje aqui professores de universidades de outros Estados que também estão empenhados no tema. Estamos felizes de fazermos isso em grupo, e juntar ciência, humor e arte em torno dessa temática”, conclui a psicóloga.

**Data gêmea** – A fundação do Sindicato dos Gêmeos também ocorreu numa data escolhida a dedo, em 11/11/2011, e teve uma palestra dos irmãos e fundadores, Alexandre e Ricardo Ghelman, ambos médicos, sobre embriologia e comportamento de gêmeos. As cantoras Célia e Celma

foram convidadas pelos irmãos Caruso para participar, o que rendeu um show musical, ao final, com as duas duplas.

“Começamos a fazer shows juntos em 1983, com o *Cromossomos*. Somos irmãs gêmeas deles”, conta Célia (conforme revela a plaquinha com seu nome que usa em um colar). “Cada uma tem a sua gargantilha com nome, para facilitar, porque já demos trabalho logo que nascemos. Mamãe não sabia que eram duas, então só tinha roupa, madrinha, berço, tudo para uma, foi uma correria”, diverte-se ela.

**Trigêmea** – Celma diz que sempre gostaram de ser gêmeas, embora não saibam como é não ser, e que somente acham ruim a preguiça mental de alguns para identificá-las. Célia avisa: “O que mais detesto é ganhar um presente único para as duas”. A profissão em parceria começou cedo: “Aos cinco anos cantávamos juntas, porque todos achavam engraçadinho”, comenta Célia.

As irmãs Ludmila e Isabela Troian Alves, de 17 anos, souberam do encontro e do sindicato pelo Facebook e decidiram que estariam presentes na hora. “Sempre quis participar de um encontro de gêmeos. Embora tivesse procurado bastante nunca havia encontrado. Vamos entrar para o sindicato, porque gêmeos gostam de se conhecer”, conta Ludmila.

Ela acha bom ter nascido com Isabela. “O lado desagradável são as piadinhas”, diz. Para Isabela, a extrema convivência, às vezes, é difícil, mas não chega a ser motivo para não ficarem juntas. “Porque a gente gosta de coisas parecidas e se ama”, afirma.

Por isso, estudam na mesma classe e gostam da convivência com a prima que, de tão parecida, é considerada a trigêmea. “É divertido”, diz Ludmila, e informa que, apesar disso, nunca usaram a semelhança para se fazer passar uma

pela outra. “Não dá, o pessoal da escola conhece a gente”, acredita.

**Simbiose** – De acordo com Alexandre Ghelman, especializado em neurologia do comportamento, os gêmeos vivenciam situações muito próprias, que requerem atenção específica. “Na infância, normalmente a identidade é enorme, e isso pode ser um problema na adolescência, na construção da individualidade”, esclarece.

Ele considera os estudos nessa área fundamentais para a verificação de como a genética influencia comportamentos e doenças. “As pesquisas da rede que estamos lançando podem trazer muitos benefícios, até para se entender aspectos relacionados aos não gêmeos”, ressalta.

A proximidade com o irmão, tanto na vida quanto na profissão, sempre foi natural e agradável para Alexandre. “A principal vantagem é ter alguém com quem conversar sobre o mundo precocemente.” Sobre isso, exemplifica com a lembrança de quando, ainda bem pequeno, viu um pedaço de madeira no mar e comentou com o irmão que havia entendido a origem das ondas. “Eu disse: ‘Ah, agora eu sei como se faz onda’”, conta.

Logo depois, no auditório, ao ouvir a mesma história, Ricardo revelou que, na sua recordação, quem falou sobre a madeira foi ele, e não Alexandre. “Parece que já temos uma simbiose de memória”, brincou o pediatra, que também ressaltou a importância dos estudos. “Existem muitas dúvidas relacionadas aos gêmeos, principalmente sobre como educá-los adequadamente. Fico feliz se novas pesquisas gerarem benefícios para todos, gêmeos e não gêmeos”, finalizou.

Simone de Marco  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Rede criada durante o evento vai impulsionar a realização de pesquisas sobre gêmeos